

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº603
de 4 a 16 de
dezembro de 2020
Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



**VIDA, EMPREGO, SALÁRIO-RENTA, TERRA,
DIREITOS, IGUALDADE, JUSTIÇA E SOBERANIA**

VAMOS ORGANIZAR A LUTA NO 3º TURNO

Fora Bolsonaro e Mourão!

TEORIA

**200 anos de Engels e
seu lugar na história do
marxismo** **Páginas 11 e 12**

INTERNACIONAL

**Peru: uma revolta
popular e da juventude
sacode o país** **Página 16**

PANDEMIA

**Brasil vê aumento de casos, e
Bolsonaro corta R\$ 35 bilhões
da Saúde em 2021** **Página 10**



PDF INTERATIVO

- CLIQUE NO QR CODE >



DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE



Falou Besteira

E essa máscara é pouco eficaz.

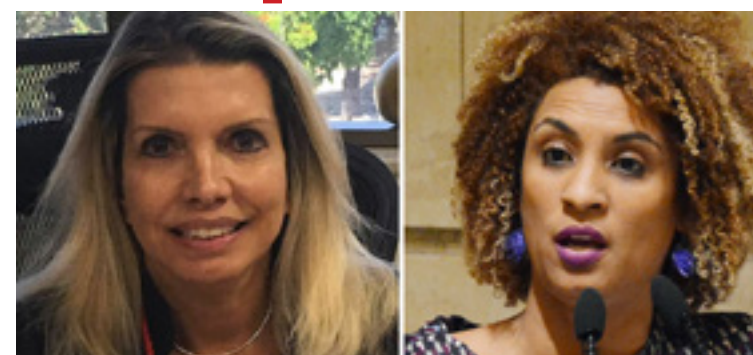
Bolsonaro, atacando o uso de máscara para evitar a COVID-19, em pronunciamento realizado em 26/11/2020.



ATACOU MARIELLE FRANCO

Desembargadora bolsonarista é promovida

A desembargadora Marília de Castro Neves foi eleita para compor o Órgão Especial do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. A magistrada ficou conhecida por fazer acusação falsa contra a vereadora Marielle Franco (PSOL) de ter vínculos com facções criminosas. Bolsonarista fanática, Marília responde no Conselho Nacional de Justiça (CNJ) a um processo disciplinar por causa dessa e de outras publicações feitas nas redes sociais, incluindo a defesa da criação de um “paredão profilático” contra o ex-deputado Jean Wyllys (PSOL). Marília também fez comentários ofensivos contra



uma professora que tem síndrome de Down. Num grupo fechado no Facebook, ela questionou: “O que essa professora ensina a quem?” O processo administrativo, porém, não interferiu na eleição da desembargadora, que se lançou pelo quinto constitucional, que garante vagas ao

Ministério Público. O órgão é responsável por julgar a denúncia do Ministério Público contra Flávio Bolsonaro no esquema das rachadinhas. O filho do presidente foi acusado de integrar organização que desviou R\$ 6 milhões dos cofres da Assembleia Legislativa do Rio.

JUIZ QUE VIRA ADVOGADO

Moro vai trabalhar para consultoria da Odebrecht

O ex-juiz da Lava Jato e ex-ministro da Justiça, Sérgio Moro, arrumou um emprego na empresa de consultoria estadunidense Alvarez & Marsal. A consultoria é responsável por administrar a recuperação da Odebrecht, empreiteira investigada pela Lava Jato nos tempo em que Moro era juiz. Vários executivos da empresa foram presos, incluindo o seu presidente. No entanto, Moro, na condição de juiz, autorizou o acordos de leniência e delações premiadas que beneficiaram a empresa, seus sócios e executivos. Seria uma recompensa ao ex-juiz pelos serviços prestados?



O fato é que Sergio Moro teve amplo acesso a documentos e elementos de prova referentes ao Grupo Odebrecht, muitos dos quais ainda permanecem em sigilo e podem fornecer base a novas medidas investigativas, o que

poderá ser utilizado em benefício da empresa. A Odebrecht vai ter agora o próprio juiz que a investigou à disposição para sua defesa.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opinio@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Pela vida, por emprego, salário, direitos, terra, justiça, igualdade e soberania

Enquanto fechamos esta edição, o repique da pandemia se alastra de forma avassaladora pelo país. Estados como Rio de Janeiro estão com seu sistema de saúde novamente à beira do colapso. Em São Paulo, Covas e Doria, um dia depois da eleição, já praticavam estelionato eleitoral: mentiram sobre a pandemia e, no dia seguinte, deram um cavalo de pau. Enquanto isso, o governo Bolsonaro segue com seu negacionismo genocida, deixando estragar sete milhões de testes e sem nenhum plano de vacinação.

O Governo Federal, junto com o Congresso Nacional, os governadores e a maioria dos prefeitos recém-empossados já se preparam para uma nova rodada de ataques exigida pela burguesia, parcialmente paralisada por conta das eleições. É urgente a organização da luta contra esses ataques, que só poderão ser derrotados com mobilização. É no terceiro turno que se definirá se os grandes empresários e banqueiros, junto com seus representantes, conseguirão impor um novo patamar de exploração e entrega do país ou se os trabalhadores conseguirão virar o jogo.

UNIDADE PARA LUTAR E FRENTE ÚNICA DA CLASSE

É preciso um chamado à mais ampla unidade para lutar e derrotar o governo e seus planos. Não é possível esperar 2022 para tentar tirar Bolsonaro nas eleições como apostam as direções do PT, do PCdoB e do PSOL. Em vez de frente ampla com partidos de direita, como PDT e PSB, e setores supostamente progressistas da burguesia, precisamos de uma frente única da classe trabalhadora para lutar, com partidos, movimentos e organizações da classe, dos setores oprimidos e da juventude, com um programa mínimo que se contraponha ao programa de aprofunda-



mento da guerra social, da barbárie e da entrega do país e coloque na ordem do dia o “Fora Bolsonaro e Mourão”.

É necessário avançar rumo à construção de uma greve geral e de outras formas de luta e mobilização. Ao mesmo tempo, é preciso avançar a auto-organização dos trabalhadores pela base nas fábricas, nos bairros, nas escolas.

CONTRA A FOME E O DESEMPREGO, EM DEFESA DOS SALÁRIOS, DOS DIREITOS E DA IGUALDADE E CONTRA AS PRIVATIZAÇÕES

O governo quer aprofundar sua política de genocídio. Precisamos lutar pelo direito ao isolamento social, por testagem em massa e por empenho máximo para a produção de vacina para todos. Da mesma forma, devemos lutar pela defesa, fortalecimento e ampliação do SUS e contra a volta às aulas antes da vacina.

Ao lado da luta contra a pandemia, precisamos também de um conjunto de medidas que garanta a sobrevivência e as condições de vida dos trabalhadores e dos mais pobres: pela manutenção do auxílio emergencial até o fim da pandemia; garantia de empregos com redução da jornada de trabalho e um plano de obras públicas; isenção de tarifas como água e IPTU; passe-livre aos desempregados. Também é necessário exigir o congelamento do preço dos alimentos.

É preciso lutar pela defesa dos direitos trabalhistas e dos serviços públicos como saúde, educação, moradia e saneamento para todos; pela demarcação das terras indígenas, regulamentação das terras quilombolas e uma reforma agrária radical.

Esse programa também deve lutar por justiça e igualdade aos negros e negras, às mulheres, às LGBTQs, aos indí-

genas, aos pobres e aos imigrantes; contra a violência policial e pela desmilitarização das PMs; e defender o patrimônio nacional, reestatizando as estatais privatizadas sob o controle dos trabalhadores e lutando contra as novas privatizações e a entrega do país, incluindo o meio ambiente e a Amazônia.

CHEGA DE AJUSTE CONTRA OS POBRES, VAMOS TIRAR DOS CAPITALISTAS

Para viabilizar essas medidas precisamos inverter a política do governo e da burguesia. Não pode ser que a classe trabalhadora seja mais penalizada nesta crise. Já é hora de tirar dos ricos e dos capitalistas. Precisamos defender a suspensão do pagamento da falsa dívida aos banqueiros.

Precisamos ainda taxar as grandes fortunas, incluindo 40% das riquezas dos 43 bilionários brasileiros, além dos lucros, dividendos e pa-

trimônio das 100 maiores empresas, do agronegócio e das grandes redes de supermercados, além de colocar o sistema financeiro sob o controle dos trabalhadores.

POR UM GOVERNO SOCIALISTA DOS TRABALHADORES

Não basta, porém, lutar contra os ataques que mais à frente serão retomados, enquanto dia a dia nossa vida só piora. Para mudar de fato a vida da nossa classe é preciso ter como estratégia a derrubada do sistema capitalista que só nos reserva o desemprego, a morte e a miséria. Em seu lugar, precisamos construir um governo socialista dos trabalhadores que governem em conselhos populares.

Para lutar por isso, precisamos nos organizar e construir uma alternativa socialista e revolucionária.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2JKW2AM](https://bit.ly/2JKW2AM)

POLÊMICA

Oportunismo e sectarismo: duas faces de uma mesma moeda

A posição do PSTU de voto crítico em Guilherme Boulos (PSOL) no segundo turno em São Paulo curiosamente gerou críticas de correntes políticas pela direita e pela esquerda, oportunistas e sectárias. Um setor exigia do partido apoio político e incondicional à candidatura do PSOL e chamava o PSTU de sectário. Para eles, nenhuma crítica pública podia ser feita a Boulos.

Outros grupos pequenos de ultraesquerda trataram o voto em segundo turno como princípio e apontavam que qualquer posição que não fosse a de voto nulo era uma capitulação ao campo burguês de colaboração de classes representado pela candidatura de Boulos. Assim, para esse setor, o PSTU seria oportunista.

O partido, no entanto, manteve no segundo turno a mesma posição política e o mesmo conteúdo da campanha que fez no primeiro turno, seja nas cidades em que adotou a tática de voto nulo, seja nas que, como em São Paulo e outras, definiu a tática do voto crítico. No segundo turno, mudou apenas a forma de apresentar a mesma política. Nos dois turnos, nosso posicionamento obedeceu à uma política de independência de classe e a defesa de um programa revolucionário.

No primeiro turno, de maneira geral, o partido revolucionário não deve furtar-se a apresentar seu programa e seu partido ao movimento de massas. No segundo turno, quando não há possibilidade de se apresentar, deve definir qual a melhor tática de indicação de voto para defender a mesma política, de independência de classe, revolucionária, de combate à burguesia e às organizações e candidaturas de alianças de classes. Ou seja, o voto é tático. A política, não.



Campanha Boulos cria uma Frente Ampla no segundo turno

AS PRESSÕES OPORTUNISTAS E SECTÁRIAS

Qualquer organização, se não for uma seita e tiver relação com o movimento de massas, sofre de forma cotidiana pressões oportunistas e sectárias. As pressões oportunistas são maiores e mais fortes em geral, principalmente tratando-se de eleições burguesas ou da existência de blocos de colaboração de classes na realidade. Estes, além de refletirem muitas vezes uma consciência atrasada de setores do proletariado, são capitaneados por organizações de colaboração de classes e aparatos com peso de massas entre a classe trabalhadora que se aliam à burguesia e defendem o regime e o sistema capitalista. Em geral, dirigem ou representam os interesses da burguesia no seio do movimento operário e popular. São contrarrevolucionários, e toda organização revolucionária é obrigada a nadar contra a corrente dessas pressões para que seja digna desse nome.

Contudo, inevitável que, perante as traições sucessivas dos aparatos contrarrevolucionários, surjam correntes sectárias, que, como dizia

Trotsky, não querem nadar para evitar que molhem os seus princípios. O centrista é aquele que satisfeito se intitula “realista”, simplesmente porque se lança a nadar sem nenhuma bagagem ideológica e se deixa levar por qualquer corrente passageira. É incapaz de compreender que, para o nadador revolucionário, os princípios não são um peso morto, mas um salva-vidas, ou seja, os revolucionários não pegam qualquer onda, não são surfistas, são navegadores. Já o sectário se senta na margem da torrente da luta de classes.

O maior desafio é combater o oportunismo e também o sectarismo para construir uma organização revolucionária.

O OPORTUNISMO E OS CAMPOS BURGUESES PROGRESSIVOS

A forma que o oportunismo tomou na época imperialista é o apoio e a conformação dos blocos burgueses progressivos de colaboração de classes. Desde os mencheviques, mas especialmente depois de 1917, a teoria dos campos burgueses progressivos foi apropriada com muita força pelos stalinistas e pela

social-democracia. Até hoje, a teoria e a prática de conformação de blocos de colaboração de classes com setores da burguesia pelas organizações reformistas contrarrevolucionárias vigora, e inúmeras correntes que se reivindicam marxistas e até revolucionárias têm sucumbido a ela.

Para os marxistas e para os revolucionários, como Lenin e Trotsky, a sociedade se divide em classes sociais, e o campo do proletariado e de seus aliados deve confrontar-se com os diferentes campos

burgueses. A burguesia é uma classe mais heterogênea que o proletariado e sempre brigará entre si, podendo chegar à guerra entre seus setores.

O proletariado não deve ser indiferente a essas divisões. Deve inclusive utilizá-las, podendo até fazer unidade de ação com um setor ou outro em determinados aspectos democráticos para derrubar uma ditadura, numa guerra colonial, para impedir um golpe militar contrarrevolucionário. Porém jamais deve dar apoio político ou conformar um campo burguês.



Boulos se reúne com empresários em SP durante campanha

O proletariado, mesmo quando golpeia junto com um setor desses, marcha separado, ou seja, mantém a independência política de classe e a luta pela revolução como objetivo, pelo socialismo. Conformer um bloco político de conciliação com a burguesia é colocar-se no campo da defesa do sistema capitalista, do regime e da contrarrevolução. Esse bloco é burguês e contrarrevolucionário.

É por isso que Lenin e Trotsky exigiam dos mencheviques que rompessem com a burguesia e tomassem o poder. Estes, porém, não romperam e se colocaram na trincheira da contrarrevolução em 1917. Trotsky dizia que era altamente improvável que organizações dessa natureza aceitassem romper com a burguesia e formar um governo operário e camponês.

Eles são uma fonte enorme de pressão, em especial se surgem na realidade contra setores reacionários ou ainda perante o enfrentamento a contrarrevoluções.

Por outro lado, tais campos de colaboração de classes, são contrarrevolucionários e conduzem a governos burgueses. Esses blocos de colaboração de classes, acentuam ainda mais seu caráter contrarrevolucionário se chegam ao governo, porque passam a ser líderes dos capitalistas ao dirigir o Estado. Mas a chegada de um governo dessa natureza muitas ve-

zes expressa e são sentidos como uma vitória do movimento (seja pela via eleitoral ou não). Tais governos são burgueses, mas são anômalos, diferentes, porque a classe trabalhadora acredita que esse bloco conformará um governo seu, e ao mesmo tempo a burguesia não os vê como o seu governo preferido.

Diante dessa realidade, o oportunista só vê a consciência e as ilusões das massas e, “para não se isolar das massas”, deixa de lado a natureza burguesa do bloco de colaboração de classes e, depois, do governo. Elas abandonam uma política de independência de classe. Já o sectário só vê a questão objetiva da natureza burguesa do governo e não leva em conta a consciência do proletariado.

A política revolucionária deve partir da questão objetiva, da necessidade objetiva, ou seja, em primeiro lugar enfrentar e combater a natureza burguesa do bloco e, mais ainda, do governo. Ao mesmo tempo, precisa formular sua política levando em conta também o aspecto subjetivo, a consciência, não para capitular a ela ou reforçá-la, mas, pelo contrário, para combatê-la, porém de forma mais eficaz.

A candidatura Boulos-Erundina, pelo seu programa, projeto de governo e composição, é de colaboração de classes. Sua proposta conformaria um governo burguês como os do PT.

Seria um governo nos limites da ordem, como disse Marcelo Freixo em entrevista ao DW: “Se em 2022 tivermos no segundo turno uma candidatura da direita liberal e outra da esquerda, o Brasil já venceu”, entendendo por “esquerda” uma frente PT-PSOL-PDT-Rede-PSB, PCdoB. Ou como disse Boulos de forma menos explícita, em entrevista a Reinaldo Azevedo depois das eleições “Dialogar com quem não pensa igual é democracia [referindo-se às conversas e à aproximação que teve com a grande burguesia da Faria Lima] (...) não deixei de dialogar com o setor econômico (...) não dá para pensar São Paulo, que é um dos maiores PIBs do mundo, sem pensar no investimento privado, no papel do investimento privado e das empresas. Se fosse eleito teria que governar para todos.”

Enfim! No atacado, o projeto de governo de Boulos não difere das do PT, embora apareça como algo renovado. A candidatura Boulos, porém, apareceu ou foi vista pela juventude e por setores importantes da classe trabalhadora, que corretamente queriam derrotar João Doria e Bruno Covas (PSDB), apareceu como liderança de um movimento social e de um projeto de mudança em prol dos mais pobres e mais jovens.

Assim, chamar voto crítico é uma forma tática de não dar nenhum apoio po-



Em diversos escritos Trotsky polemizou com as tendências oportunistas e sectárias dentro da esquerda

lítico e, pelo contrário, seguir combatendo politicamente esse campo burguês de colaboração de classes, mesmo “golpeando” junto. Já dar apoio político à chapa Boulos-Erundina seria apoiar um “campo burguês progressivo” e abandonar qualquer resquício de política de independência de classe.

O SECTARISMO É UNILATERAL

O sectário identifica a natureza burguesa do bloco e do governo, mas ignora a consciência do proletariado e da juventude. Como dizia Trotsky, o sectário é a negação direta do materialismo dialético, que sempre toma a experiência como ponto de partida para logo voltar a ela. O sectário não compreende a ação e a reação dialética entre um programa acabado e a luta viva – ou seja, imperfeita e não acabada – das massas. O sectarismo é inimigo da dialética (não em palavras, mas em ação) porque volta as costas ao verdadeiro processo que a classe operária vive.

O chamado ao voto crítico em algumas candidaturas foi a melhor forma de continuar expressando o conteúdo da política revolucionária no segundo turno: não dar apoio político às candidaturas de colaboração de classes, mas, ao contrário, combater a natureza burguesa de tais blocos, defender a independência de classe, questionar seu projeto e seu programa, defender as propostas revolucionárias e alertar que se o mesmo ganhar as eleições é necessário organizar a luta e não depositar nele nenhuma

confiança, ao mesmo tempo acompanhando o proletariado e a juventude no voto para derrotar Covas.

Se não entrar num governo burguês e denunciá-lo desde o primeiro dia é um princípio, o chamado ao voto numa candidatura quando oposição não é a mesma coisa, desde que este chamado sirva não para apoiar, mas sim para combater a conciliação de classes e alertar para o fato de que, se for governo, não se deve depositar nenhuma confiança nele.

Ser oposição e combater a um governo dessa natureza desde o primeiro dia se eleito é um princípio, porque mesmo que por vezes ele seja sentido como uma vitória, no dia seguinte estará governando para a burguesia contra o proletariado.

UMA POSIÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Qualquer organização que não seja uma seita sentirá pressões oportunistas e sectárias e inevitavelmente cometerá erros de um e outro tipo, porque nenhuma organização é infalível. Porém o fundamental é ter consciência de que uma organização revolucionária só pode construir-se como tal combatendo e derrotando o oportunismo, as organizações e blocos contrarrevolucionários e também o sectarismo, pois ambos impedem uma intervenção revolucionária na luta de classes que dispute a consciência e conduza a classe trabalhadora e seus aliados ao poder de forma independente da burguesia.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/33GIZHD](https://bit.ly/33GIZHD)



Moradores da periferia de SP tiram retrato com Boulos

RACISMO

Justiça já pelo brutal assassinato de João Alberto de Freitas



SECRETARIA DE NEGRAS
E NEGROS DO PSTU
PORTO ALEGRE

Em pleno 20 de novembro, dia de luta e resistência da memória de Zumbi dos Palmares para todo o povo negro explorado e oprimido em nosso país, acordamos com a notícia de mais um crime cruel contra um trabalhador negro. João Alberto Silveira de Freitas foi assassinado de forma brutal por dois seguranças no hipermercado da multinacional Carrefour, na Zona Norte de Porto Alegre.

Um dos seguranças é um policial militar que fazia “bico” de segurança para o supermercado. Os dois assassinos foram tiveram prisão provisória. As cenas de espancamento foram registradas em vídeo e circulam pela internet.

Perseguições e humilhações a negras e negros em supermercados são recorrentes. No início deste mês, um jovem negro foi agredido dentro de uma loja no centro do Rio de Janeiro. Em junho, uma jovem negra foi humilhada e enforcada por um segurança de um supermercado no interior de São Paulo.

Nos últimos dez anos, os assassinatos de negras e negros aumentaram 11,5%, en-

quanto os de não negros caíram 12,9% segundo o Atlas da Violência 2020, publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Por isso, esse assassinato não é episódico ou casual. O capitalismo, em especial neste momento de profunda crise, nutre e cria ações como essa. Além disso, ao fazer inúmeros discursos e provocações racistas, Jair Bolsonaro estimula episódios desse tipo.

Tal crime vil é resultado direto do racismo cotidiano impulsionado pelo capitalismo em nosso país e lembra a morte de George Floyd, estrangulado por policiais nos Estados Unidos. Assim como no país mais imperialista do mundo, aqui no Brasil as negras e os negros não deixarão barato, ainda mais numa data carregada de simbolismo para a luta.

O 20 de novembro teve sua data criada em Porto Alegre pelo grupo Palmares e lembra o papel do Estado brasileiro que decapitou Zumbi e expôs sua cabeça em praça pública para que ninguém seguisse suas ideias e seu exemplo de luta. Em 2020, Sérgio Camargo, presidente da Fundação Palmares, mais uma vez afirma que não comemorará e não reconhecerá o 20 de no-



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/39C8EJL](https://bit.ly/39C8EJL)

vembro. Camargo não passa de um capitão-do-mato que faz o serviço sujo de seu patrão, o senhor da Casa Grande de Jair Bolsonaro.

RACISTAS NÃO PASSARÃO!

Às negras e aos negros explorados e oprimidos da classe trabalhadora, dizemos que o racismo e os racistas não passarão! Para nós, Sérgio Camargo, o capitão-do-mato, Bolsonaro e Mourão, os genocidas de nosso país que têm as mãos sujas de sangue pelas mortes

da pandemia e por impulsionar o racismo e o genocídio de nosso povo, não passarão!

Exigimos que a multinacional Carrefour, que também tem responsabilidade por esse crime, pague por sua culpa e seja estatizada. Além de superexplorar seus trabalhadores, muitos deles negros, e formarem verdadeiros cartéis na venda de alimentos no país, esses supermercados agredem e matam negras e negros. Por isso, devemos estatizar as gran-

des redes de supermercados, começando pelo Carrefour, e colocar a distribuição de alimentos sob o controle dos trabalhadores.

A exemplo de Zumbi e Dandara e de nossos irmãos nos Estados Unidos, nós do PSTU dizemos que a justiça para João Alberto será obtida na luta e nas ruas. Não temos nenhuma confiança nas instituições do Estado burguês – como o caso da jovem Mariana Ferrer mostrou – muito menos no parlamento.

EXIGIMOS:

- **Justiça por João Alberto!**
- **Fora já Bolsonaro e Mourão!**
- **Fora Sérgio Camargo da Fundação Palmares!**
- **Basta de genocídio de negros e pobres!**
- **Que o 20 de novembro seja feriado em Porto Alegre em memória de João Alberto e de todos os negros e negras que tombaram pelo racismo e pelo capitalismo!**
- **Punição e estatização do Carrefour já!**
- **Desmilitarização da Polícia Militar!**
- **Comitês de autodefesa e organização do povo negro!**
- **Reparações já!**

PROTESTOS

Atos contra o racismo tomam o país



O assassinato de João Alberto foi repudiado em todo o país. Muitas cidades tiveram protestos contra o repugnante crime de racismo. “Por Negro Beto, quero justiça, eu quero fim da polícia assassina!”, gritaram os manifestantes em Porto Alegre. Aproximadamente 3 mil pessoas se reuniram em frente ao principal acesso ao Carrefour em que João Alberto assassinado. A Brigada Militar reprimiu o protesto com bombas de gás lacrimogênio.

Em São Paulo, uma unidade da rede foi ocupada por manifestantes. Também houve ato numa loja do Carrefour em Belo Horizonte (MG). “Para as pessoas que estão aqui, a gente diz: viemos em paz com os trabalhadores, mas com o Carrefour é guerra!”, falou Clayton, militante do PSTU e do Quilombo Raça e Classe.

Na Zona norte do Rio de Janeiro, manifestantes se reuniram num shopping onde fica um dos supermercados do grupo francês. Outros protestos reuniram várias dezenas de pessoas exigindo boicote ao Carrefour em várias partes do país, como Salvador, Santos e São Gonçalo. Várias concentrações desse tipo já foram realizadas desde o dia do crime.

PANDEMIA

Segunda onda avança, e governos descartam medidas de isolamento social

 DA REDAÇÃO

O diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom, classificou como “preocupante” os novos casos de COVID-19 registrados por dia no Brasil. O país já está numa segunda onda de contágio e, segundo o levantamento do Imperial College de Londres, a última semana de novembro (entre os dias 22 a 28) foi a pior em relação ao descontrole da pandemia desde maio.

De acordo com levantamento do Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (Conass), o Brasil tem 175 mil mortos e 6.436.650 de casos do novo coronavírus. A média móvel de casos no Brasil, não parou de aumentar em novembro.

Outro indicativo da nova onda é o aumento da ocupa-

ção dos leitos de UTI. O estado do Rio de Janeiro está com 93% das UTIs do SUS lotadas. O número é semelhante na capital. Em São Paulo, a ocupação de UTIs na rede privada chega a 84%, e a taxa de testes positivos na cidade de São Paulo é cinco vezes maior do que a OMS considera como pandemia controlada. O estado de São Paulo tem 10.114 pessoas internadas para tratamento da COVID-19.

Logo depois das eleições municipais, o governo João Doria (PSDB) reclassificou o estado todo para a fase amarela. Contudo, o governador utilizou apenas os dados da última semana, desconsiderando que a reclassificação das regiões não ocorria há cerca de 50 dias. Não fez a reclassificação para beneficiar os candidatos apoiados por ele nas eleições, como Bruno Covas, na capital.

Também manipula os dados com finalidade política e econômica. Por exemplo, no caso das internações, o governo fez a comparação apenas dos dados da última semana com a semana anterior, que resultou num aumento de 7%. Se fosse considerado o intervalo de duas semanas na comparação, o aumento seria de 28,6%.

Doria e Covas, assim como a maior parte dos governos e prefeituras do país, descartam totalmente a decretação de um lockdown, o que certamente vai resultar numa piora do cenário da COVID-19 no Brasil. Afinal, compras de natal, período de férias e festas de fim de ano podem ampliar o contágio. Ao mesmo tempo, as máscaras e as medidas de isolamento social são abandonadas dia após dia, na contramão das melhores práticas orientadas pela ciência.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3QTUTD8](https://bit.ly/3QTUTD8)

O isolamento social confirma eficácia na contenção de contágios pelo coronavírus na Europa

que passou pela segunda onda, decretou lockdown e vê agora o contágio cair dia após dia.

SEM VACINA E SEM GRANA

Bolsonaro genocida vai cortar R\$ 35 bilhões da Saúde



Enquanto o país mergulha num total descontrole da pandemia e Bolsonaro faz críticas ao uso de máscaras, chamando a segunda onda de “conversinha”, seu governo prepara mais um golpe contra a saúde pública. Bolsonaro quer retirar R\$ 35 bilhões do orçamento do Ministério da Saúde.

A proposta orçamentária enviada ao Congresso retira 22% do orçamento deste ano, que deve ser igualado ao de 2019, antes da crise sanitária. Com isso, o governo restringe ao máximo qualquer estratégia e plano nacional de vacinação.

Muitos laboratórios já anunciaram que estão na fase final

das pesquisas sobre a vacina. Alguns países, como Reino Unido, Alemanha e Rússia, vão começar a vacinação ainda neste ano, com prioridade para profissionais da saúde e idosos.

O Brasil não comprou vacina e com o corte de verbas ameaça não conseguir comprar um número suficiente para garantir a vacinação massiva da população em 2021. Sequer foi anunciada uma data prevista para o início da aplicação das vacinas conforme plano inicial de vacinação da população brasileira, anunciado pelo Ministério da Saúde no dia 1º de dezembro.

O ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, disse que não se

pode mais falar em afastamento social, nem em lockdown, nem em nada, e disse que não houve aumento de contaminação pelo coronavírus no país. O ministério não divulga mais dados diários sobre os casos. Porém os dados por estado mostram que a média móvel nos últimos sete dias foi de 38.154 novos diagnósticos por dia, a maior desde 6 de setembro.

Corte de verbas na Saúde, fim do auxílio emergencial, descontrole total da pandemia e falta de perspectiva para vacinar a população podem tornar o próximo ano ainda pior que 2020, em especial entre a população pobre e trabalhadora.

ANÁLISE

Eleições refletem **contradições de uma situação de crise e instabilidade**

Bolsonaro tem importante derrota, e abstenções crescem. Por outro lado, fortalecimento da direita coloca desafio de organizar a luta contra ataques.



DA REDAÇÃO

O segundo turno das eleições confirmou, de forma geral, as tendências já apontadas no primeiro turno. Bolsonaro sai como o grande derrotado, vendo seus aliados naufragarem nas grandes cidades e principais capitais, ao mesmo tempo que o número de abstenções tem forte alta, seguindo uma tendência dos últimos anos.

A derrocada de Bolsonaro se expressa no desempenho humilhante dos que receberam seu apoio mais explícito, como Celso Russomano (Republicanos), em São Paulo, que mais uma vez morreu na praia e com a pior votação das três vezes que disputou a prefeitura, ficando em quarto lugar; e Marcelo Crivella (Republicanos), no Rio de Janeiro, que até foi para o segundo turno, mas só para ser derrotado por Eduardo Paes (DEM) por uma diferença de quase 30%.

As abstenções, por sua vez, tiveram uma média de quase 30% em todo país, quase 10% a mais que nas

eleições de 2016. Se é evidente que a pandemia pesou muito para esse resultado, também é fato que ele reflete um processo cada vez maior de desgaste da democracia burguesa. Na capital paulista, por exemplo, 30,8% dos eleitores deixaram de votar, ao passo em que a soma das abstenções, votos nulos e brancos (3,6 milhões) superaram o prefeito reeleito (3,1 milhões). Já no Rio, foi o maior índice de abstenção da história.

REFLEXO DISTORCIDO

Se a derrota de Bolsonaro e a alta abstenção são alguns dos elementos que emergem das eleições municipais, é preciso ver isso como um fenômeno numa conjuntura. Isso porque as eleições na democracia dos ricos refletem de forma distorcida a realidade e a luta de classes, ainda que seu resultado incida sobre elas. O desgaste do governo e da democracia burguesa não espelham de forma automática uma conjuntura de lutas, em que a classe expressa no voto seu descontentamento. Ao contrário, as eleições ocorrem

num momento de refluxo, de alta recorde do desemprego e aumento da pobreza, com uma profunda incerteza sobre o futuro, principalmente por conta da pandemia.

Por isso, o descontentamento que cresce embaixo, se bem se distanciou do Governo Federal, não se refletiu em voto por mudança. Ao contrário, elegeu, em sua maioria, representantes da direita tradicional, democratas burgueses, como o DEM e o PSDB, que, por um lado, tentaram se distanciar da estridente extrema direita e do bolsonarismo e, por outro, pregaram contra os “extremismos”. O discurso pela “moderação” e contra os extremos ajuda a encobrir a real polarização social e o aumento do descontentamento que ocorrem com o acirramento da crise sanitária, social e econômica, porém numa conjuntura de refluxo defensiva.

A vitória de Bruno Covas (PSDB) em São Paulo expressa bem essa tendência. Tentando desvencilhar-se da política abertamente genocida de Bolsonaro e escondendo seu padrinho João Doria, o prefeito reeleito tem uma re-



lativa boa avaliação no gerenciamento da pandemia, ainda que, fechadas as urnas, tenha ficado evidente que, tanto a prefeitura quanto o governo Doria mentiram e esconderam os dados da real situação da doença na cidade.

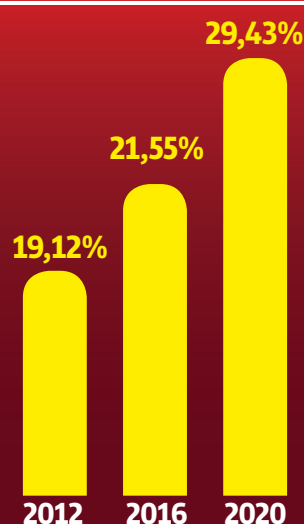
ENFRENTAR BOLSONARO, GUEDES E O PROJETO DA DIREITA LIBERAL NAS LUTAS

A vitória dos setores da direita tidos como representantes preferenciais da burguesia, como o PSDB, fortalece um programa de ataques contra os trabalhadores com vários pontos em comum com o programa de Paulo Gue-

des. Isso significa, ao fim e ao cabo, despejar a crise sobre as costas dos trabalhadores. Da mesma forma, embora tenha tido uma derrota eleitoral, Bolsonaro não está morto. Ele, Guedes, Rodrigo Maia e cia. virão com tudo contra a classe trabalhadora no próximo período.

O desejo por mudança, porém, ainda que não tenha se expressado de forma plena nas urnas, avançou, e, mais cedo do que tarde, as mentiras e o que foi encoberto na campanha virão à tona. Fica, assim, ainda mais urgente construir uma unidade da classe na luta para derrotar o governo e esses ataques.

ABSTENÇÕES EM ELEIÇÕES MUNICIPAIS



PERDEDOR

O TAMANHO DA DERROTA DE BOLSONARO NAS ELEIÇÕES

16 candidatos a prefeito apoiados por Bolsonaro

05 deles foram eleitos

45 candidatos a vereador apoiados por Bolsonaro

10 deles foram eleitos

DISPERSÃO

Um quadro de fragmentação eleitoral

Eleição reafirma dispersão da ultradireita e da direita tradicional, assim como da esquerda institucional

Analistas burgueses afirmam que essas eleições marcaram uma vitória do chamado centrão. Alguns até relativizam a derrota de Bolsonaro diante do fortalecimento dos partidos que constituem sua base no Congresso Nacional. A realidade é que o centrão é um conjunto amorfo, que expressa melhor uma dispersão da direita. Se o segundo turno levou a certa recuperação da direita tradicional, como DEM e PSDB, também não há hegemonia definida nesse campo.

O PSDB, por exemplo, diminuiu o número de prefeituras

que comanda, mas a vitória em São Paulo ajuda a reequilibrar esse resultado. Os tucanos estarão à frente da maior fatia da receita dos 95 maiores municípios do país, um orçamento que totaliza R\$ 155 bilhões. O DEM também sai fortalecido, quase triplicando o número de prefeituras, e em capitais como Rio, Salvador, Curitiba e Florianópolis, comandando um orçamento de R\$ 91 bilhões.

Já os partidos do centrão tiveram desempenho contraditório. O MDB perdeu prefeituras, mas continua sendo o partido que mais governa municí-

pios. O PSD de Gilberto Kassab e do prefeito reeleito de BH, Alexandre Kalil, cresceu, assim como o PP. Mas PL, PTB e Republicanos retrocederam. A verdade é que o que se chama de centrão é uma colcha de retalhos de partidos fisiológicos e corruptos que, no mais das vezes, representam interesses regionais e, não raro, disputam entre si nas eleições.

Essa fragmentação ocupou o lugar da antiga polarização do PT versus PSDB, e a polarização eleitoral que ocorreu em 2018, entre PT e Bolsonaro.



GOSTO AMARGO

Perda da hegemonia do PT



O PT saiu das eleições com o amargo gosto de derrota po-

lítica, mostrando que o processo de ruptura de massas com o

partido não foi revertido. Apesar de ter levado 15 candidatos nas 57 cidades nas quais houve segundo turno, elegeu apenas quatro prefeitos: em Contagem e Juiz de Fora, em Minas Gerais, e em Diadema e Mauá, no grande ABCD Paulista. Pela primeira vez desde a redemocratização, está fora do comando das capitais.

Em 2012, o PT governava 630 prefeituras. Em 2016, ano de sua maior crise, em que viu sua pior performance, levou 256. Agora, são apenas 183. Continua sendo o maior partido

da esquerda parlamentar institucional, mas vai perdendo protagonismo. O espaço deixado pelo PT, por sua vez, foi ocupado, em parte, pelo PSOL, dando protagonismo político a esse partido, que chegou ao segundo turno em São Paulo e cravou Guilherme Boulos como um dos principais nomes desse campo político em nível nacional. Nesse sentido, Manuela D'Ávila, do PCdoB, também se fortalece, embora também tenha perdido no segundo turno em Porto Alegre e, em nível nacional, seu partido tenha tido

uma derrota eleitoral, inclusive porque Flávio Dino não conseguiu emplacar um candidato seu em São Luís (MA).

Porém o PT não só não está morto, como é um partido muito mais forte e muito mais sólido do que o PSOL.

Já no Nordeste, o PDT de Ciro Gomes ocupa certo espaço da oposição a Bolsonaro ao levar Fortaleza, aliás, com uma diferença mínima de votos, e Aracaju. O PSB, do qual o PDT é aliado, por sua vez, venceu em Recife, inclusive em cima do PT, e Maceió.

NO CAMINHO DA CONCILIAÇÃO

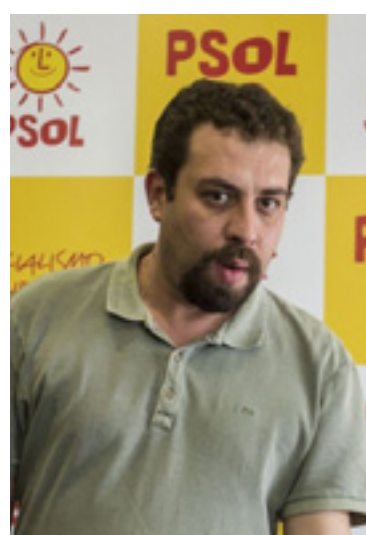
PSOL ocupa parte do espaço do PT e aprofunda adaptação

No processo de desgaste do PT, o espaço deixado pelo partido vem sendo ocupado principalmente pelo PSOL, que levou cinco prefeituras, quatro em pequenas cidades e a capital Belém (PA) com Edmilson Rodrigues. Além disso, teve significativo avanço na Câmara Municipal de várias cidades.

Contudo foi em São Paulo que o PSOL ganhou projeção nacional com a ida de Guilherme Boulos para o segundo turno. Capitalizando um forte sentimento de mudança

a partir da juventude, Boulos avançou no eleitorado tradicional do PT, quase reeditando o mapa de votos de Haddad em 2018. O resultado final das urnas coloca Boulos como um dos principais representantes da oposição parlamentar.

O crescimento do PSOL, porém, ocorre na mesma proporção em que o partido vai à direita, defendendo a união com partidos e setores burgueses. Em São Paulo, por exemplo, desde o início da campanha Boulos reivindicou a prefeit-



ra de Erundina, sua vice, que governou dentro do sistema e da lógica eleitoral e chegou a reprimir uma greve da antiga estatal de transportes, a CMTC, demitindo mais de 400 trabalhadores. Isso sem dizer que foi ministra do governo de Itamar Franco (PMDB).

No decorrer da campanha, foi aproximando-se de setores empresariais. Reuniu-se com empresários progressistas da Faria Lima, defendeu a manutenção das creches conveniadas, ou seja, creches públicas

geridas pela iniciativa privada, e por fim recebeu apoio e doação de setores financeiros, incluindo Luís Rheingantz, que já ocupou a presidência da Associação Nacional de Exportadores de Cereais (Anec).

A campanha terminou com um chamado a uma frente ampla com vistas a 2022, reunindo de partidos de esquerda a partidos burgueses como o PSB e o PDT. O PSOL, assim, segue avançando rapidamente pelo mesmo caminho trilhado pelo PT.

SEM TRÉGUA

Organizar o terceiro turno nas lutas

Esperar as eleições de 2022 para enfrentar Bolsonaro ou apostar num programa de conciliação de classes é o caminho certo para a derrota



Durante as eleições, vivemos um período de certa trégua. O governo Bolsonaro, o Congresso Nacional, os governadores e os próprios prefeitos deram uma segurada no conjunto de ataques preparado, esperando só as urnas fecharem. Nem bem o segundo turno terminou, estão avançando com a aprovação da reforma tributária no Congresso, com a reforma administrativa que representa um duro ataque aos serviços e servidores públicos, além da privatização e da entrega do país.

Estão todos juntos nesse projeto de responder ao aprofundamento da crise despejando ainda mais seus efeitos nas costas dos trabalhadores, de Bolsonaro e Guedes, passando pelo Congresso e governadores e até os recém-empossados prefeitos. Em São Paulo, João Doria escancarou o estelionato eleitoral do PSDB, que passou a campanha inteira negando o avanço da pandemia e, horas depois da votação, decretou o retrocesso na liberação da economia, pois a contaminação está descontrolada no estado.

Ao mesmo tempo, o corte do auxílio emergencial pela metade já jogou milhões de pessoas na miséria. O desemprego oficial, de 14,1% é recorde, tendo aumentado em 3,6 milhões o número de trabalhadores sem emprego só de maio a outubro. O fim definitivo do auxílio a partir de janeiro ou a sua redução a apenas uma parcela dos antigos beneficiários aprofundará ainda mais a crise social num momento em que vivemos uma alta no preço dos alimentos e que a pandemia recrudescerá pela ação irresponsável e genocida dos governos.

UNIDADE

Frente única e unidade para lutar

É urgente organizar uma luta unificada contra esses ataques e em defesa da vida, do emprego, do salário, da renda e da soberania. É justamente na luta direta que podemos resistir e derrotar Bolsonaro, Guedes, Congresso Nacional, governadores e prefeitos. Priorizar o jogo eleitoral esperando até 2022 para enfrentar o governo é o caminho certo para a derrota, assim como a aposta num programa de conciliação com a burguesia e a sua

política de ajuste, no atacado, e penduricalhos sociais no varejo.

Devemos exigir a unificação das lutas para barrar o conjunto de ataques do governo Bolsonaro e Guedes, que serão ataques encabeçados também pela direita democrática liberal que acabou de ter uma vitória nas eleições.

Nesse sentido, em vez de uma frente ampla com partidos da burguesia, como o PSB ou o PDT (que em Salvador apoiou o DEM), além

de empresários e banqueiros supostamente progressistas, para as eleições de 2022, as direções do movimento e de partidos como PSOL, PT e PCdoB deveriam estar empenhadas em organizar a classe, o povo pobre e os setores oprimidos para enfrentar e derrotar já Bolsonaro e seus planos e uma saída de independência de classe para a crise, não a defesa de frente ampla de colaboração de classes, como apontou Boulos no encerramento das eleições.



SAÍDA

Uma alternativa de classe e socialista



Derrotar o governo genocida de Bolsonaro e sua política vai tornando-se cada vez mais uma questão de vida ou morte. Não é possível enfrentar até o fim e barrar o ajuste em aliança com os capitalistas. É preciso luta e independência de classe, porque aliança com a burguesia amarra as mãos da classe trabalhadora, bloqueia sua força e não permite que ela atue no seu terreno.

É necessário apontar um horizonte estratégico para os trabalhadores e o povo pobre, que signifique uma real mudança em nossas condições de vida. É preciso apontar para a superação do capitalismo e uma sociedade de outro tipo, socialista, sem exploração nem opressão.

Para isso, é preciso também seguir defendendo e construindo uma alternativa de classe, revolucionária e so-

cialista, que defenda um governo socialista dos trabalhadores em conselhos populares organizados nos locais de trabalho, nas periferias, nas escolas etc., que seu próprio destino seja colocado nas mãos dos trabalhadores, do povo pobre e oprimido, que são a ampla maioria da população.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/39ADBtQ](https://bit.ly/39ADBtQ)

SÃO JOÃO DEL-REI (MG)

PSTU sai fortalecido das eleições municipais e dobra de tamanho na cidade

ROBERTO AGUIAR,
DE SALVADOR (BA)

A participação do PSTU nas eleições municipais de 2020 foi marcada pela defesa de uma alternativa revolucionária e socialista em todo o país. Nossa intervenção não se deu com a ilusão de que, por meio das eleições, vamos mudar o país. Ao contrário, combatemos essa falsa ilusão, esse engodo que é o processo eleitoral. Reafirmamos que as mudanças necessárias para atender às necessidades mais sentidas do nosso povo só virão com um processo amplo de mobilização e organização.

Nossas candidaturas estiveram a serviço do fortalecimento e da organização da classe trabalhadora e do povo pobre dentro de cada fábrica, de cada escola, local de trabalho, comunidades e bairros. Foi assim a nossa campanha em São João del-Rei (MG). Isso permitiu que polemizássemos com os candidatos dos ricos, expondo

um programa socialista e se apresentando aos trabalhadores como uma alternativa.

“Polarizamos na cidade em torno a um programa que defendia uma São João del-Rei para os trabalhadores. Fizemos uma campanha forte, muito bonita, que conseguiu envolver e contar com o apoio de vários dirigentes sindicais, de movimentos populares e de luta contra as opressões. O PSTU saiu das eleições como a referência de luta no campo da classe trabalhadora, a organização que tem um lado, os dos trabalhadores”, disse Janaine Ferreira, professora, lésbica e candidata a prefeita de São João del-Rei.

A campanha do PSTU chegou a fábricas, canteiros de obras, garagens de ônibus, bairros e distritos populares da cidade. Janaine chegou a pontuar 11% nas pesquisas de intenção de voto, ficando em segundo lugar. Isso garantiu uma maior cobertura da imprensa e participação nos debates na TV.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3G4B4EI](https://bit.ly/3G4B4EI)

“A pesquisa ajudou na polarização, conseguimos ampliar a divulgação do nosso programa, ganhamos mais apoiadores, deu mais ânimo à campanha. Realizamos uma grande carreta com a participação dos nossos apoiadores. Um setor da burguesia ficou muito incomodado, aí começou um forte investimento de dinheiro nas can-

didaturas burguesas”, destacou Janaine.

Janaine obteve 1.822 votos (3,93% dos votos válidos). Para vereador, o metalúrgico Jordano obteve 588 votos, sendo o 17º candidato mais votado.

“Apresentamos um programa revolucionário, lutamos pelo voto nas candidaturas socialistas do PSTU, pois o voto em nossas candidaturas

ajuda a fortalecer o processo de lutas e de organização da classe trabalhadora e do povo pobre. Não conseguimos eleger, pois é difícil superar as leis antidemocráticas e o poder econômico das candidaturas dos ricos. Mas sairemos com o partido fortalecido, maior e com mais referência aos trabalhadores”, pontuou Jordano.

SAI MAIOR

Um partido maior e fortalecido



O PSTU sai da campanha forte e maior. A regional de São João del-Rei dobrou o

número de militantes. Já foram realizadas doze reuniões de apresentação do par-

tido com os apoiadores que estiveram na campanha. Até o dia 10 de dezembro, dez reuniões estão agendadas.

“Desde março, quando lançamos nossas pré-candidaturas, começamos a envolver ativistas dos movimentos sociais e sindicais, não apenas para apresentar nossas candidaturas, mas para pedir o apoio. Esse apoio veio sustentado num debate programático. Isso foi muito importante”, ressaltou Jordano.

Essas reuniões, que passaram a ser virtuais devido à pandemia, foram ampliando-se chegando a diversas categorias. “Isso permitiu o envolvimento de metalúrgicos, operários têxteis, servidores

públicos, rodoviários, professores, estudantes e ativistas LGBTs. Tivemos de nos adaptar às reuniões on-line e ao uso das redes sociais. Tivemos um salto nesse quesito, o que foi importante no decorrer da campanha”, informou Janaine.

Hoje, ativistas dessas categorias estão em reuniões com o partido, em processo de construção de uma relação orgânica com o PSTU. “Esse é o saldo maior da campanha, ver o fortalecimento e o crescimento do partido. Ver operários metalúrgicos e têxteis reunindo-se com a gente. Ativistas dos movimentos LGBTs que apoiaram nossa candidatura e fizeram campanha, inclusive foram fundamentais

para nosso crescimento nas redes sociais, hoje se encontram em diálogo com o partido revolucionário. Mesma coisa acontece com servidores públicos, professores e estudantes da universidade federal. Isso nos orgulha muito”, disse Jaiane.

Jordano reforça: “Saímos maior e fortalecidos e também, com mais responsabilidade, pois saímos como a referência para a nossa classe. Ficamos à frente do PT. Os trabalhadores de São João del-Rei viram no PSTU, no nosso programa, a referência frente ao embate com a burguesia. Agora, é fortalecer o partido e ampliar a luta na cidade.”

200 ANOS DE ENGELS

O bicentenário de Friedrich Engels, o general comunista



DANIEL SUGASTI,
DA LIGA INTERNACIONAL
DOS TRABALHADORES

Novembro marca o bicentenário de nascimento de Friedrich Engels, incansável revolucionário e um dos intelectos mais perspicaz do século 19. O melhor modo de recordá-lo é conhecendo, compreendendo e resgatando o verdadeiro significado de seu legado como cofundador do socialismo científico.

Segundo nossa visão, reivindicar sua herança teórico-política não pode ser outra coisa que não a defesa do marxismo como um todo. Concordamos com Lenin: “Depois de seu amigo Karl Marx, Engels foi o mais notável cientista e mestre do proletariado contemporâneo de todo o mundo.”

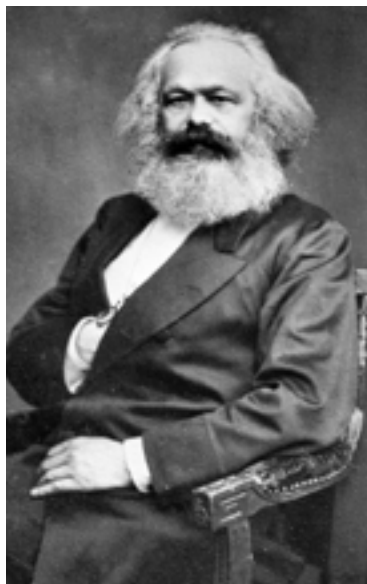
UMA DUPLA INDIVISÍVEL

É inaceitável separar a obra de Marx da de Engels. A influência de um sobre o outro, de forma indistinta, atuou como uma constante fonte criadora para ambos.

O gênio de Marx é inquestionável, mas a qualidade intelectual e o atrevimento militante do “general”, como Engels foi apelidado, não foram menores. Foram complementares. Engels se declarou comunista antes de Marx. Também foi o primei-

ro que se interessou pelo estudo da economia política. Seu artigo intitulado “Apostamentos para uma crítica da economia política”, redigido em fins de 1843 e publicado nos Anais Franco-Alemães, contribuiu imensamente para que Marx se interessasse pelo estudo da economia capitalista.

O próprio Marx reconheceu esse fato em 1859: “Friedrich Engels, com quem mantive um constante intercâmbio escrito de ideias desde a publicação de seu genial esboço sobre a crítica das categorias econômicas, tinha chegado por um caminho diferente ao mesmo resultado que eu” (Prólogo à Contribuição à Crítica da Economia Política). Isso mostra, em par-



te, que a participação de Engels na investigação que desembocaria em O Capital superou amplamente a contribuição material.

A intensa colaboração entre ambos alcançou o ponto em que é muito difícil discriminar quem escreveu qual parte nas obras assinadas em conjunto. Existem textos que levam apenas a assinatura de Marx, mas foram completados por Engels, como é o caso dos dois últimos volumes de O Capital. Ou, como se soube muito depois, podemos mencionar os artigos publicados com o nome de Marx no jornal estadunidense The New York Daily Tribune durante a década de 1850, que foram escritos na íntegra por Engels – entre outros motivos, porque dominava o inglês – para que Marx pudesse ter acesso a alguma renda. Ou então o capítulo que Marx escreveu para a célebre obra de Engels, o Anti-Dühring (tão criticado por certos “marxianos”), fato que talvez ninguém tivesse notado sem a revelação espontânea que seu autor fez no prefácio à segunda edição de 1887.

Quando jovens, Marx e Engels escreveram A Sagra da Família (1844), A ideologia alemã (1846) e o Manifesto do Partido Comunista (1848). Pouco antes desses

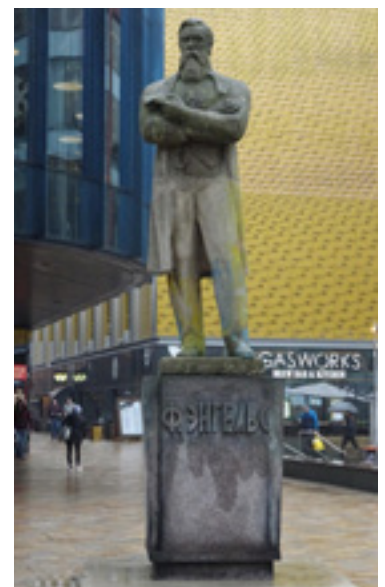


trabalhos comuns, em 1842, Engels já tinha realizado os primeiros contatos pessoais com o movimento owenista e cartista (correntes do movimento operário da Inglaterra) e, três anos depois, publicou sua icônica Situação da classe trabalhadora na Inglaterra, em base a um rigoroso estudo de estatísticas oficiais e, sobretudo, da observação direta das terríveis condições de exploração às quais estava submetido o proletariado de Manchester, a cidade-fábrica.

A intensa atividade intelectual de ambos se combinou sempre com a prática revolucionária. Organizaram a dura luta programática que transformou a utópica Liga dos Justos em Liga dos Comunistas. Quando começou a onda de revoluções democrático-burguesas de 1848, abandonaram a Bélgica para se estabelecerem em Colônia. Nessa cidade, publicaram, durante quase um ano, o jornal Nova Gazeta Renana. A contrarrevolução que sucedeu à derrota da Primavera dos Povos fez com que Marx e Engels, como milhares de outros revolucionários, sofressem uma dura perseguição que obrigou ambos a emigrarem para Londres.

OS ANOS EM MANCHESTER

No final de 1850, Engels teve de se instalar em Manchester para trabalhar na firma da qual seu pai era coproprietário, a Ermen & Engels. Ainda que detestasse sua rotina de trabalho no “comércio imundo”, compreendia que esse sacrifício era necessário para ganhar o dinheiro que permitisse a Marx se dedicar totalmente a escrever sua obra principal.



O positivo deste longo período – de 1850 a 1870 – é a correspondência quase diária que manteve com Marx, generosa em lições sobre numerosos problemas teóricos e políticos. Marx, que o chamava de “enciclopédia am-



CONFIRA O ESPECIAL SOBRE OPS 200 ANOS DE ENGELS

bulante”, em muitas ocasiões pediu dados ou opiniões para O Capital.

Ainda que separados fisicamente, a estreita colaboração intelectual também oferecia momentos de profunda emoção que, à sua maneira, ajudam a ilustrar os laços de camaradagem e a humanidade entre ambos. Entre outras coisas, existe uma carta comovente que Marx escreve para Engels para infor-

mar que tinha finalizado o primeiro tomo de O Capital: “Por fim este tomo está terminado. Devo a você ter conseguido concluí-lo. Sem tua ajuda ilimitada jamais teria podido finalizar o trabalho prodigioso de três tomos. Te agradeço com todo o coração e te abraço.”

De fato, o sustento oferecido por Engels foi fundamental para a culminação dessa obra. Engels sempre o am-

parou de forma incondicional. A ajuda material, além de uma prova de profunda amizade, sempre foi concebida por Engels como uma contribuição concreta a uma causa comum.

NOVAMENTE AO LADO DE MARX

Em 1870, Engels retornou a Londres. Depois de quase duas décadas, voltou a trabalhar de forma pre-

sencial com Marx. O trabalho comum possuía uma divisão de tarefas que Engels explicou: “Como consequência da divisão do trabalho que existia entre Marx e eu, coube a mim defender nossas opiniões na imprensa jornalística, o que, em particular, significava lutar contra as ideias opostas a fim de que Marx tivesse tempo de acabar sua grande obra principal. Isso me levou a expor nossa concepção, na maioria dos casos de forma polêmica, contrapondo-a às outras concepções” (Contribuição ao problema da habitação).

Engels com certeza tinha participado, em 1864, do processo de fundação da Associação Internacional de Trabalhadores (AIT), a Primeira Internacional, mas até 1870 não desempenhou um papel principal. Uma vez em Londres, assumiu uma função protagonista no conselho geral. Participou de maneira enérgica de toda sorte de disputas programáticas e organizativas contra as correntes sindicalistas e anarquistas.

A EDIÇÃO DE O CAPITAL

Depois da morte de Marx, Engels teve de suportar todo o peso que implicava continuar a tarefa empreendida junto com seu companheiro. Havia muito por fazer. Engels se dispôs a ordenar o legado científico de Marx. Entre seus papéis, encontrou os manuscritos inacabados de O Capital. Deixou de lado suas próprias obras e se dedicou a completar o que conhecemos como o segundo e o terceiro livros de O Capital, publicados em 1885 e

1894 respectivamente. Engels não teve tempo de preparar-se para a impressão do quarto tomo, que ficou conhecido como Teorias da mais-valia devido ao título que Kautsky lhe deu quando o publicou em alemão entre 1905-1910.

A edição dos dois últimos tomos implicou um imenso trabalho. Engels teve de ordenar os papéis e retomar o trabalho a partir de onde Marx o deixou incompleto, em especial os materiais do terceiro tomo, que eram pouco mais que anotações soltas: teve de realizar novas pesquisas e aprofundar outras; ordenar manuscritos e entender notas e abreviações com a caligrafia quase ilegível de Marx.

Ainda assim, Engels cumpriu essa árdua tarefa com satisfação. Sem Engels, a obra magna de Marx, a mais profunda análise científica sobre o funcionamento da produção capitalista e da luta que o burguês e o operário estabelecem sobre sua base, teria ficado incompleta.

TRANSFORMAR O MUNDO

Em meio à edição, Engels pode publicar importantes obras suas, como A origem da família, da propriedade privada e do Estado (1884); Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã (1886); os manuscritos que compuseram depois Dialética da natureza; além de escrever prefácios às edições de textos anteriores. Isso sem contar que, depois de 1883, Engels também ficou como o principal dirigente do processo de construção do que seria a Segunda Internacional, no contexto de um notável fortalecimento do movimento operário europeu e do marxismo entre suas fileiras.

Nem Marx nem Engels foram comentaristas da realidade. Todo seu esforço teórico esteve a serviço de dotar o proletariado de um programa científico que pudesse ser assumido pelos melhores elementos da classe operária. Para eles, não se tratava só de interpretar o mundo, mas de transformá-lo.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2VCMQRR](https://bit.ly/2VCMQRR)



MARADONA

“Adios y gracias”, Dieguito!

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

A morte de Diego Armando Maradona, no dia 25 de novembro, foi com certeza mais um triste acontecimento de um ano repleto de notícias trágicas. Um dos maiores, mais famosos e mais polêmicos jogadores do século 20, Maradona estará para sempre no panteão sagrado do futebol. Como craque, reunia inteligência, raça, habilidade e velocidade que deixavam seus adversários enlouquecidos.

Seu talento foi descoberto quando tinha apenas nove anos. O treinador do Argentinos Juniors, Francis Cornejo, o encon-

Foi no Boca Juniors que Maradona começou a se tornar um herói do futebol. Quando jogava no mítico La Bombonera, ele e o estádio se tornavam uma coisa só. Em 1982, foi para a Europa jogar no Barcelona. Pouco depois seguiu para o Napoli, um pequeno, mas tradicional clube do sul da Itália.

Foi nesse momento que Maradona iniciou sua consagração mundial com a Copa do Mundo de 1986 realizada no México. Quem acompanhou os jogos daquele mundial teve a impressão de que se tratava de um filme cujo roteiro estava preparado desde o início para a exaltação de Maradona. Porém nada estava



Derrubando Império britânico



lhor estava por vir. Numa arrancada sensacional, o craque saiu do campo de defesa e, sozinho, driblou seis jogadores até marcar um golazo. Maradona derrubou o império britânico.

A Copa seguinte, realizada em 1990, não seria tão bela assim. Maradona já havia passado a ser venerado como rei em Nápoles, ao ponto de convocar a população local para torcer pela Argentina, e não pela Itália, numa Copa do Mundo realizada em solo italiano. Nápoles – que fica numa região histori-

camente marginalizada do país – atendeu a Maradona.

Nas semifinais, a Argentina eliminou a Itália, atizando o rancor dos nacionalistas. Naquela Copa, porém, a estrela argentina não brilhou, e a seleção amargou um vice-campeonato quando enfrentou a Alemanha nas finais.

Em março de 1991, um exame antidoping deu positivo para cocaína, escancarando a dependência química do atleta. Suas ligações com figuras da Camorra, a máfia napolitana, também lhe renderam uma suspensão do futebol por quinze meses. Deprimido, Maradona afundou cada vez mais nas drogas.

Na Copa de 1994, Maradona prometeu seu retorno. A empolgação, no entanto, teve voo curto e já na primeira partida o craque foi pego no antidoping por uso de efedrina, uma droga usada para emagrecer. A FIFA terminou punindo-o com outros quinze meses de banimento. Com o fim da punição, ele voltou ao seu amado Boca Juniors, mas ao longo de toda a década apresentou

um futebol muito abaixo do seu rendimento anterior. Por isso, em 1997, abandonou de forma definitiva os gramados diante de novos rumores de antidoping.

Politicamente, Maradona se aproximou do castro-chavismo, tornando-se amigo de Fidel Castro e de Hugo Chávez. Também foi um ardoroso defensor da causa palestina e liderou um protesto contra a visita de George W. Bush a Mar del Plata, mandando o Acordo de Livre Comércio entre as Américas (ALCA), que os ianques pretendiam impor à América Latina, “al carajo”.

Se para muitos Maradona foi um deus, ele certamente foi o mais humano dos deuses. Foi a encarnação das grandes contradições do nosso mundo e do nosso tempo, incorporando virtudes e defeitos. Como um artista da bola fez multidões explodirem em júbilo. Se a vida é uma sucessão de dor e alegria, Maradona nos ofereceu motivos para sorrir e comemorar com seu futebol.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/39G8QBQ](https://bit.ly/39G8QBQ)



Na Bombonera, Maradona e o estádio eram uma coisa só



trou jogando num campinho de uma favela da Grande Buenos Aires, e são nesses campos que sempre floresceram os maiores talentos da história do futebol latino-americano. Não por acaso, a paixão por Maradona nutrida por milhões de garotos pobres vem da representação simbólica que ele conquistou dentro dos gramados. “Maradona é um de nós”, pensavam eles.

escrito nas estrelas, e a estrela de Maradona brilhou em todos os jogos, até a Argentina conquistar o aquele campeonato.

Todas aquelas partidas foram incríveis. Entretanto, as quartas de final contra a Inglaterra foram mágicas. Aqueles noventa minutos concentravam muito mais coisa do que se possa imaginar para um esporte. O país havia passado por uma das ditaduras mais sanguinárias da América do Sul, e as lembranças daqueles anos sangrentos eram vivas na memória do povo argentino. Quatro anos antes, a Argentina perdera a Guerra das Malvinas para o Reino Unido. Era hora de dar o troco.

Foi nessa partida que ele fez o famoso gol de mão – imortalizada como “la mano de Dios” –, abrindo o placar. Contudo, o me-

HOMENAGEAR MARADONA, SIM...

Sem passar pano para o machismo

Nem só de glória e carisma viveu o ídolo. Fora dos campos, sua vida foi marcada também por excessos e situações lamentáveis. O ex-jogador argentino tinha um histórico de machismo e violência contra mulheres que não pode ser minimizado.

Em 2014, circulou na internet um vídeo de Maradona agredindo sua então namorada Rocío Oliva. Na gravação, o ex-craque, visivelmente bêbado, levanta-se do sofá e se irrita ao ver a companheira mexendo em seu telefone. Sua ex-mulher, Claudia Villafañe, também mencionou a violência psicológica de Maradona durante o casamento.

LEIA MAIS EM:



Questionar Maradona por suas atitudes machistas não é negar seus outros méritos, mas apontar suas contradições e alertar aos que o têm como ídolo que sua conduta com as mulheres não deve servir de exemplo para ninguém, sobretudo para os homens da classe trabalhadora.

PASSANDO A BOIADA

Desmatamento na Amazônia aumenta 9,5%

Na segunda-feira, 30, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) divulgou que a área desmatada na Floresta Amazônica entre agosto de 2019 e julho de 2020 foi 9,5% maior que no mesmo período do ano anterior. No total, a área desmatada foi de 11.088 quilômetros quadrados, sendo a maior em doze anos.

Entre os estados que mais desmataram, estão: Pará, com 5.192 quilômetros quadrados (46,8%); Mato Gros-

so, com 1.767 quilômetros quadrados (15,9%); Amazonas, com 1.521 quilômetros quadrados (13,7%); e Rondônia, com 1.259 quilômetros quadrados (11,4%). Juntos, os quatro estados somaram 9.739 quilômetros quadrados de desmatamento, o que representa 87,8% do total medido pelo projeto Prodes, que monitora o desmatamento via satélite, para 2020.

O aumento escancara o fracasso do emprego das Forças

Armadas no combate ao desmatamento. O próprio vice-presidente Hamilton Mourão, que preside o Conselho da Amazônia, reconhece que o aumento poderia ter sido pior e ter chegado a 20%.

Enquanto o governo gasta milhões com as Forças Armadas na Amazônia, os verdadeiros órgãos de fiscalização sofreram redução de pessoal e cortes de verbas e são proibidos de exercer suas atividades por pistões indicados por Bolsonaro.



TRAGÉDIA EM TAGUAÍ

Acidente que matou 41 trabalhadores é fruto da ganância capitalista

O grave acidente entre um caminhão e um ônibus que transportava 53 trabalhadores e trabalhadoras, a maioria funcionários da empresa têxtil Status Jeans, resultou em 41 mortes e deixou 15 feridos. O acidente, ocorrido no dia 30 de novembro na Rodovia Alfredo de Oliveira Carvalho (SP-249), entre Taguaí e Taquaruna, foi o maior do ano.

O advogado da empresa Status Jeans Indústria e Comércio Ltda., Emerson Fernandes, disse ao UOL que o ônibus era uma espécie de “lotação” contratada pelos próprios funcionários, sem ligação direta com a empresa. O que se sabe é que o ôni-

bus, que não tinha autorização para circular nem junto à Agência de Transporte do Estado de São Paulo (Artesp) nem junto à Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), estava com documentos irregulares. O veículo, que invadiu a pista contrária chocando-se com uma carreta, acumula onze multas e estava com o IPVA, o licenciamento e o DPVAT atrasados.

TRAGÉDIA ANUNCIADA

A empresa têxtil para onde seguiam os funcionários lavou as mãos fugindo de maiores responsabilidades. Uma empresa clandestina e irregular trans-

portava de forma ilegal seus trabalhadores. Não havia nenhum tipo de fiscalização e controle por parte dos órgãos públicos e da empresa.

Com tamanha negligência e descaso, o acidente era uma tragédia anunciada. Foi a total falta de condições adequadas e seguras para o transporte dos funcionários, que foram vítimas de um brutal acidente de trabalho, mas sem direito algum. Negligência e descaso com a vida humana: assim é o capitalismo na sua ânsia de produzir mais a baixo custo e alto lucro.

Os donos da indústria têxtil e seus advogados correram para

alegar que os próprios operários eram responsáveis pelo transporte até o trabalho. Querem abster-se da responsabilidade pelo transporte dos trabalhadores, previsto na CLT e obscurecido pela reforma trabalhista de Temer.

A reação da patronal é como uma fotografia do caráter desumano das relações capitalistas de produção, nas quais mesmo diante de uma tragédia a ganância e o lucro falam mais alto do que a vida humana.



LUTO

Camarada Jair Gaiardo, presente!

No dia 24 de novembro, faleceu o camarada Jair Domingos Gaiardo, aos 58 anos. Ele foi um camarada que dedicou toda sua vida à causa dos trabalhadores, à luta pela revolução socialista no Brasil e em todo o mundo.

Como socialista revolucionário e membro da direção regional do PSTU de Passo Fundo (RS), é raro encontrar um ativista ou militante na cidade que não o conheça. Jair se rei-

vindicava marxista, leninista e trotskista, confiava na luta da classe operária e de toda classe trabalhadora.

Nestes anos em que muitos abandonaram a luta pelo socialismo e fizeram todo tipo de alianças espúrias com a classe dominante, Jair se manteve sempre firme e do mesmo lado, o lado da classe trabalhadora contra a burguesia, o lado da independência de classe, o lado do internacio-

nalismo proletário, o lado da revolução socialista. Não é à toa que sua última contribui-



ção tenha sido um texto de polêmica, que fez questão de assinar, questionando toda a esquerda reformista de Passo Fundo, diante das capitulações à democracia burguesa nas eleições municipais.

Jair era um incansável defensor da vida, e acreditava que a vida só seria vivida na sua plenitude com a transformação social, com a materialização do comunismo. Ele lutou o bom combate.

Sua partida foi repentina. Sentia algumas dores e, quando não foi possível suportar, foi internado. Ele nos deixou devido a uma infecção generalizada. Cabe a nós levar adiante a luta a qual Jair dedicou toda sua vida.

Jair deixou a esposa e dois filhos. Nossas condolências, solidariedade e apoio aos familiares. Nenhuma palavra poderá diminuir a dor da sua perda. Perdemos um dos imprescindíveis.

PERU

Uma rebelião popular e da juventude

Três governos se seguiram em uma semana convulsiva de mobilizações em todo o Peru. Houve até um vácuo de poder antes que um novo pudesse ser nomeado. Embora tudo pareça ter voltado à normalidade por enquanto, a verdade é que nada é nem será como antes depois das jornadas de 9 a 16 de novembro, que, na verdade, abriram uma nova situação no Peru. Leia abaixo trechos de um artigo do Bandeira Socialista, jornal do Partido Socialista dos Trabalhadores (seção peruana da LIT-QI).

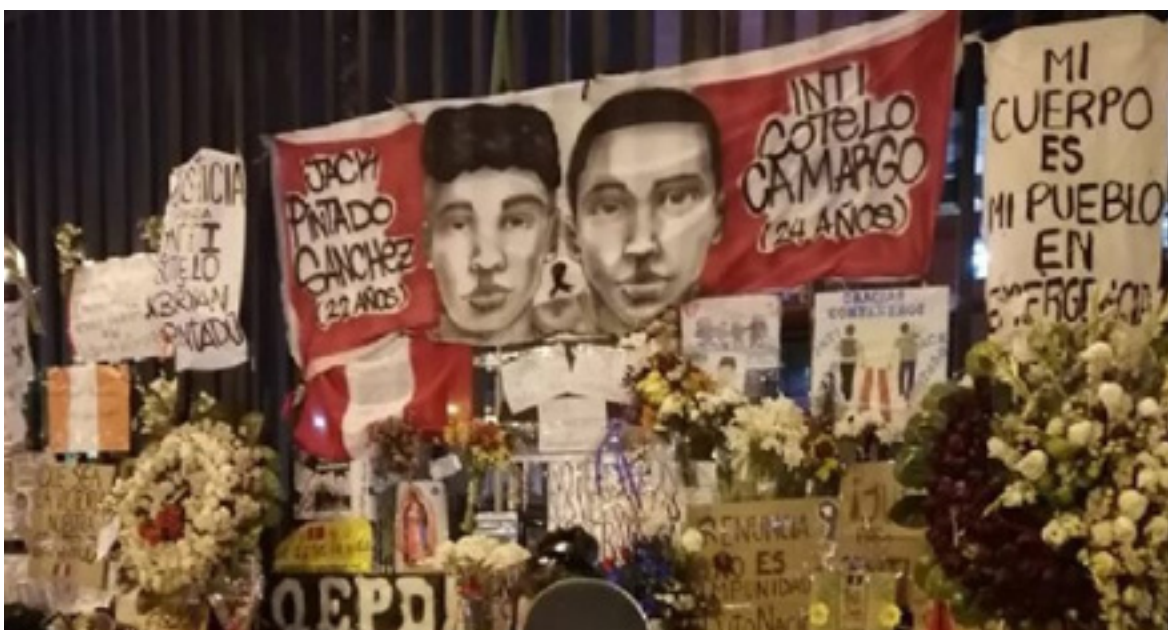
No centro de Lima, na frente do prédio do Ministério da Justiça, há uma vigília permanente em homenagem aos jovens Jack e Inti, assassinados na marcha de sábado, 14 de novembro. Lá foram colocados milhares de cartazes feitos à mão, cujos textos testemunham o pesar pelas vítimas e mostram o ultraje e a coragem dos jovens. Homenagens semelhantes foram erguidas em várias praças do país.

As mobilizações começaram na segunda-feira, dia 9, quando o Congresso, com 105 votos, afastou o presidente Martin Vizcarra por “incapacidade moral” com base em inúmeros indícios que o implicam em atos de corrupção. Com o passar das horas, toda a barbárie do regime, dos congressistas e de seus cúmplices foi revelada.

A juventude reagiu com

força inesperada que desencadeou os históricos dias (12 e 14), e sua mobilização obrigou Manuel Merino, o substituto escolhido pelo Congresso, a renunciar. Nos dias anteriores à renúncia, os protestos foram reprimidos de forma violenta, resultando na morte de dois manifestantes e pelo menos 68 feridos.

Para ocupar a presidência no lugar de Merino, foi nomeado Francisco Sagasti. Naqueles dias, milhares de manifestantes tomaram as ruas de todo o país, com epicentro na capital – para o Congresso –, e se estenderam aos bairros pobres e às classes média e média alta, com a participação espontânea da juventude e da população que batia panelas. Foi uma rebelião popular, a maior desde aquela que, 20 anos atrás, derrubou a ditadura de Fujimori.



Três governos se seguiram em uma semana convulsiva e houve até um vácuo de poder antes que um novo pudesse ser nomeado. Embora tudo pareça ter voltado ao normal por enquanto, a verdade é que nada será como antes depois dos acontecimentos de 9 a 16 de novembro. As jornadas abriram uma nova situação no Peru.

Vizcarra presidiu um regime que enfatizou seu poder pessoal sobre o Congresso em nome da luta contra a corrupção. Foi um regime precário, mas funcional para os interesses da burguesia, depois que a crise da Lava Jato afundou toda a velha classe política e suas instituições e produziu a renúncia de Pedro Pablo Kuczynski (PPK) em março de 2018.

Durante a pandemia, Vizcarra aplicou um plano focado em salvar empresas e desencadeou um desastre na economia e na saúde. O Peru é um dos países mais castigados pela pandemia. No entanto, graças ao apoio da

burguesia, Vizcarra manteve sua popularidade elevada, enquanto a maioria se dedicava a se salvar e a sobreviver esperando uma lenta melhora na situação.

Enquanto isso, os setores operários começaram a resistir ao violento ataque contra a supressão de direitos e por emprego. A maioria absoluta esperava que Vizcarra fosse investigado no final de seu mandato, em julho de 2021, mas não esperava que ele fosse afastado numa situação de proximidade das eleições. O Congresso corrupto e desmoralizado não desperta nenhuma confiança. Nesse contexto, a decisão de afastar Vizcarra foi recebida como um golpe do Congresso corrupto e fez o país explodir em indignação.

Embora as manifestações rejeitassem a decisão do Congresso, não eram a favor de Vizcarra. Os setores explicitamente opostos a Vizcarra são da classe trabalhadora e, por isso, havia ceticismo em suas fileiras em relação às mobilizações. No desenrolar da

mesma mobilização, quando o governo revelou seu caráter repressor, todas as forças passaram a lutar contra o novo governo sob o slogan “Abaixo Merino!”.

A renúncia de Merino criou um vácuo de poder. A central sindical, que não chamou a classe trabalhadora às ruas e propôs um “diálogo” ao governo ilegítimo, ficou, então, à espera do que o Congresso decidiria. Assim, deram à burguesia a oportunidade de se reorganizar e eleger o desconhecido Francisco Sagasti.

Porém os grandes problemas que motivaram a rebelião popular não estão resolvidos. É por isso que não há razão para sair da rua, e tanto as manifestações juvenis quanto as operárias continuam ocorrendo num cenário mais favorável, em busca de uma solução mais profunda para os graves problemas que o país enfrenta.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3MDXXPM](https://bit.ly/3MDXXPM)